

A EDUCAÇÃO DO OLHAR (IN) VISUAL

SILVEIRA, Luísa Planella¹; MICHELON, Francisca Ferreira²

¹Universidade Federal de Pelotas – Artes Visuais Licenciatura; luplanella@yahoo.com.

²Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, ICH/UFPEL;
franciscafmichelon@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A inclusão pode ser definida como o resultado de um processo que busca dar as condições a todos os indivíduos, inclusive dos que não possuem as mesmas chances dentro da sociedade, de dela fazerem parte ativa e reconhecidamente. É neste âmbito que se formula o tema desta pesquisa¹, especificamente no que tange à valorização das relações humanas e a busca pela consciência de que todas as pessoas possuem o direito de desenvolver suas potencialidades e, seguramente, de que a educação e a arte podem contribuir para essa consciência e com esse processo social. Credo nas possibilidades expressivas e comunicativas da fotografia, busca-se refletir sobre as dimensões do emprego da fotografia como recurso inclusivo pelo qual se potencializaria a percepção e se ampliaria os recursos de conhecimento de pessoas com deficiência visual.

No âmbito da arte/educação, o indivíduo (portador de necessidades especiais ou não) pode interagir com uma variedade de materiais naturais ou fabricados, entre eles a fotografia, para analisar ou produzir com capacidade expressiva ou exploratória sobre o mundo visual. A fotografia como um meio para a educação do olhar pode possibilitar ao aluno uma percepção crítica e reflexiva sobre a realidade e, promover a possibilidade de o sujeito explorar sua expressão, suas idéias, sua imaginação e sua concepção de mundo. A princípio soa contraditório falar de fotografia como um recurso de acessibilidade visual, da mesma forma, parece conflitante falar desse como elemento para desenvolver a percepção em pessoas portadoras de deficiência visual, já que tanto o registro como o produto fotográfico parecem ser dependentes da visão. No entanto, a afirmação funda-se sobre um conceito de visão excludente que centra o produto da visão como resultante da operação fisiológica do órgão visual. Ao se mudar o conceito de visão, também se está mudando o conceito da deficiência visual e, assim, alargando as possibilidades de tratar o tema da acessibilidade.

Roland Barthes (1990) salienta que a representação da imagem é caracterizada por dois aspectos: de cunho conotativo e de cunho denotativo, e que a imagem carrega consigo um poder de representação do real que se opera, especialmente, no fato de ser um fragmento do real. As representações da imagem resultam invariavelmente de um sistema de interpretação da realidade. Para referenciar a abordagem que focaliza a conexão entre fotografia e deficiência visual, cita-se o fotógrafo cego, Evgen Bavcar (2003), que utiliza o aparelho fotográfico como um meio de exprimir sua situação existencial e como meio de produção de sentidos. Além de vincular a reflexão do Barthes sobre a imagem na qual se refere como resultante de um sistema de realidade, Bavcar considerando-se um artista

¹ O presente texto apresenta a discussão teórica que fundamenta o trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais – Licenciatura em desenvolvimento, que busca relacionar acessibilidade e inclusão através da fotografia.

conceitual, parte de uma pré-imagem, concebida em pensamento, antes de torná-la visível, criando a imagem a partir de sua imaginação e ainda, para compor sua foto parte da sensibilidade de outros sentidos. Sendo assim, o fotógrafo parte de suas referências pessoais, profissionais, sociais e culturais, em um processo muito mais extenso do que a operação técnica do aparelho, chegando a um resultado que será recebido pelo observador, que também possui sua própria bagagem cultural.

Pergunta-se na pesquisa tanto se a fotografia pode contribuir para uma experiência multisensorial, como se pode operar enquanto alternativa de “olhar” sem o sentido da visão. Vincula-se, então, a fotografia a outras modalidades artísticas e se busca analisar como acontece este processo, e, identificar assim, as formas e recursos utilizados para a representação da fotografia por meio de outros sentidos.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para responder a pergunta acima se construiu uma trama teórica na qual se buscou dimensionar o tema da acessibilidade a partir da revisão bibliográfica sobre as leis que regem o contexto nacional das pessoas portadoras de deficiência, e em específico, sobre os deficientes visuais. Buscou-se levantar pesquisas sobre o que o ensino de arte propõe atualmente para a Educação Especial; sobre a acessibilidade, inclusão social e sobre a teoria que pensa o papel da fotografia no mundo visual.

Compreende-se o significado que a fotografia possui como conteúdo e forma de conhecimento e o quanto contribui para o ensino de artes. Utiliza-se a concepção do arte/educador João Francisco Duarte Jr. (2008) de que os fundamentos estéticos da educação durante a formação das pessoas, apresentam potencial para sensibilizá-las a pensar de maneira crítica perante o contexto que estão inseridas e proporcionar através de meios simbólicos e estéticos o desenvolvimento da capacidade intelectual e racional do ser humano.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Brasil vem apresentando algumas mudanças com o objetivo de promover a inclusão das pessoas portadoras de deficiência, na educação, esporte, lazer, no mercado de trabalho, enfim, na sociedade. Dentre os aspectos relacionados se observa a inclusão escolar, movimento que surge em 1980, em âmbito mundial. E a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN nº. 9.394/96, as pessoas portadoras de deficiência têm reconhecido o seu direito a uma educação de qualidade e com realce na inclusão. Porém a realidade ainda é outra. Ainda existem muitas barreiras a serem ultrapassadas. Refletir criticamente e ser sensível a estas questões são necessidades para que se alcance uma mudança positiva. Acredita-se que uma parte desta mudança poderia ocorrer se estivesse no processo de formação do futuro arte/educador conteúdos que o preparassem para trabalhar com acessibilidade.

Crê-se que por meio da fotografia seja possível promover acessibilidade e inclusão social a partir da reflexão e questionamento sobre como se vê? Todos os indivíduos veem igualmente? Brevemente crê que a imagem não possui um fim puramente visual, ele vê com sua audição, vê com seu tato e com todos os sentidos,

enfim, com seu corpo e assume como meio de expressão, a fotografia, para evidenciar seu direito, descrevendo que “eu me imagino (...) se imaginar é ter imagens” (2003, p. 11). Conforme Duarte Jr., “Criar a cultura é humanizar a natureza, ordenando-a e atribuindo-lhe significações expressivas dos valores humanos: criar cultura é concretizar tais valores” (2008, p.51). Sendo assim, busca-se concretizar uma inovação no modo de olhar, valorizando uma visão de mundo que se associa com o olhar externo em um contexto mais amplo, que a fotografia produza uma experiência significativa, e desenvolva um olhar voltado para não só a representação exterior, mas também a representação interior, concebendo assim, um novo caminho para a arte, promovendo a expansão da fotografia e a inclusão social das pessoas portadoras de deficiência visual, no qual elas poderão manifestar-se numa dimensão pouco explorada ou conhecida.

4 CONCLUSÃO

Atualmente são desenvolvidas pesquisas por pessoas de diversas áreas, que abarcam os recursos, os meios e as ferramentas que visam à acessibilidade e a inclusão social dos portadores de deficiência, garantindo assim, seus direitos. Para o aprofundamento sobre estes temas, se utiliza como fundamentação Neves que aborda: “Olhar a inclusão como promotora de mais-valias sociais e econômicas surge-nos como a única forma de a promover, não como um serviço esporádico e alternativo, mas sim uma prática corrente e democrática, dando ao “outro” a possibilidade de escolha”(2005, p. 23). Por meio desta base foi possível apreender com sua ampla concepção e conscientização, que informa a sociedade sobre a importância destes conceitos além, de proporcionar orientações e princípios básicos por meio de manuais técnicos, guias descritivos, materiais didáticos voltados para o contexto de acessibilidade e de inclusão social. Outro autor a ser citado é Romeu Kasumi Sasaki, que apresenta a inclusão como sendo “um processo de mudança do sistema social comum, para acolher toda a diversidade humana (...). É uma questão de mentalidade, de visão (2008, p. s/p).

A fotografia como produtora de sentido pode ser um recurso inclusivo se for utilizada de modo a quebrar o paradigma de que só pode ou deve ser usada por pessoas videntes. Além de servir como ferramenta, pode ser utilizada como um meio de expressão, semelhante ao caso de Bavcar, que comunica e apresenta sua forma de olhar sensível, desenvolvendo, com a fotografia, sua percepção sobre o mundo. Há recursos que permitem que uma fotografia possa ser sentida através do toque e por estar fortemente ancorada em uma realidade, a audiodescrição da fotografia obtém bons resultados. Pela sua evidente capacidade informacional, a fotografia compõe uma forma de conhecimento sobre o mundo, mas, pela maneira como é obtida, também é o resultado de um processo seletivo de informação, no qual quadro e extra-quadro configuram a opção ideológica, estética e perceptiva de quem a faz. Os deficientes visuais podem não ver as fotografias como as vêem os videntes, mas, se houver os recursos necessários, podem vê-las de outra forma, podem aprender com elas e empregá-las como veículos de sua expressão e vontade de se comunicar.

5 REFERÊNCIAS

BAVCAR. Evgen. **Memória do Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BRASIL. PLANALTO. **Decreto nº914, de 6 de setembro de 1993**. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D0914.htm. Acesso em 11. Jun. 2011.

BRASIL. PLANALTO. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999**. Brasília, 1999. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm. Acesso em: 11 de Jun. de 2011.

BRASIL. PLANALTO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil-03/leis/L9394.htm> Acesso em 12. Jun. 2011.

BARTHES, R. **A câmara clara: Nota sobre a fotografia**. (Trad. Manuela Torres), Lisboa: Edições 70 Ltda., 2006.

CEDIPOD. Centro de Documentação e Informação do Portador de Deficiência. Disponível em: <http://www.cedipod.org.br>. Acesso em 12. Jun. 2011.

ED/90/CONF/205/1. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem**, 1998. <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso em: 09 de Jun. 2011.

Junior. João Francisco Duarte. **Fundamentos Estéticos da Educação**. 10ªed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

Neves, J. **Cinema Inclusivo: Soluções Diferenciadas Comunicação Abrangente**. Revista Diversidades, Funchal, v. 7, n. 24, p. 22- 24, 2009.

MEC – Ministério da Educação e Cultura. **Declaração de Salamanca**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 12. Jun.2011.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.

Inclusão implica em transformação. Entrevista concedida a AME, Jornal da Associação dos Metroviários Excepcionais, São Paulo, 13 dez. 2008. Disponível em: <http://www.ceset.unicamp.br/~joaquiml/ST%20019/Inclus%E3o%20implica%20em%20transforma%E7%E3o.doc>. Acesso em: junho de 2011.